



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**Arte e verdade na "metafísica do artista" e no platonismo: um diálogo entre o Livro
X da *República* e o *Nascimento da Tragédia*.**

Seropédica

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**Arte e verdade na "metafísica do artista" e no platonismo: um diálogo entre o Livro
X da *República* e o *Nascimento da Tragédia*.**

Monografia apresentada ao curso de filosofia da
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como pré-
requisito para a obtenção do título de Licenciado em
Filosofia.

Professor orientador: Prof. Dr. Danilo Bilate.

Rodrigo Cardoso de Sant'ana.

Seropédica

2018

**Arte e verdade na "metafísica do artista" e no platonismo : um diálogo entre o
Livro X da *República* e o *Nascimento da Tragédia*.**

Rodrigo Cardoso de Sant'ana

Aprovado em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Danilo Bilate (Orientador).

Prof. Dr. Francisco Moraes (UFRRJ).

Prof.^a Dr.^a Alice Bitencourt Haddad (UFF).

Conceito Final: _____

RESUMO

O objetivo deste trabalho consiste em analisar a obra *O Nascimento da Tragédia* e a proposta nietzschiana de entender o fenômeno artístico grego como uma forma de não-submissão da arte à uma “metafísica racional”, através da “metafísica do artista”. A investigação se dará, em primeiro momento, em analisar a metafísica platônica através da obra *A República* e, respectivamente, a sua proposta filosófica atribuída ao campo das artes. Deste modo, entende-se que a dimensão das artes é submetida a uma filosofia da moral, como aponta o filósofo. Como conclusão e justificativa, entender a proposta dos fenômenos estéticos salientados por Nietzsche: Dionisíaco e Apolíneo fomentando sua crítica à filosofia socrática/platônica.

Palavras-chave: Metafísica do artista, Metafísica platônica, Dionisíaco e Apolíneo, aparência.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	1
CAPÍTULO 1: Platonismo e seus aspectos condenadores da arte trágica.....	3
CAPÍTULO 2: A metafísica do artista como o “resgate” da arte trágica e sua crítica a metafísica racional	9
CONCLUSÃO	20
BIBLIOGRAFIA	21

INTRODUÇÃO

Estamos tão distantes e tão próximos dos gregos quando colocamos um ponto de interrogação no terreno das artes/estética. O que pensar sobre este campo enquanto carrega o homem contemporâneo as heranças de uma filosofia “magna”? Quão habituados estamos a ouvir que “tal tipo de arte corrompe nossa alma”? Essa e outras perguntas se fazem presentes em nosso cotidiano por entendermos que tais abordagens carregam consigo aspectos de um tipo de pensamento que fora mantido na tradição filosófica. Uma renúncia aos costumes é vista como necessária de modo que este presente trabalho tem por objetivo apresentar a filosofia estética concebida por Friedrich Nietzsche, um dos pensadores conceituados na história da filosofia que apresentara em seu modo peculiar e emblemático de se fazer filosofia outras formas de se abordar tal questão, discutindo o campo das artes sob uma nova perspectiva. Neste intuito, o presente trabalho tem por objetivo apresentar aspectos da filosofia nietzschiana, contidas em sua obra *O Nascimento da Tragédia*, como uma alternativa de se pensar o campo da arte. Seguindo este objetivo o pensamento de Platão, um de seus principais interlocutores, será abordado de modo que seja possível identificar de forma clara o diálogo estabelecido entre a obra nietzschiana e *A República*. Enquanto Platão fundamenta uma filosofia dotada de conceitos que mantêm relações com a sua renomada “teoria das ideias”, Nietzsche atenta-se em reinterpretar os conceitos mantidos pela tradição de forma que estabelece um diálogo profundo e crítico com os pensadores antigos, evidenciando assim um grande conflito no campo estético e metafísico entre o pensamento nietzschiano e o platônico.

Por uma tentativa de entendimento dos fenômenos artísticos do mundo grego, Nietzsche realiza uma reflexão sobre a história cultural grega e suas principais manifestações artísticas como a poesia, escultura e a música de modo a questionar o poder e a relação existente com a vida e o indivíduo grego. A arte, de certo modo, é entendida como uma “ferramenta” que permite a superação da dor e do conflito que há na existência, possibilitando que o pessimismo seja superado cotidianamente a grosso modo. Partindo desse pressuposto, Nietzsche realiza uma crítica contundente à Sócrates e Platão, mestre e discípulo que dão origem ao “espírito científico”. No cerne, a busca por uma “desmoralização” das artes através de uma inversão metafísica pela pergunta: o que o

homem é, senão e antes de qualquer coisa, um “artista”? E a arte, que sentido ela teria em nossa existência? Tais perguntas são apresentadas pelo filósofo e tentam ser respondida no decorrer de sua obra *O Nascimento da Tragédia*, principal obra a ser estudada neste trabalho. Uma nova interpretação é dada à dimensão das artes no terreno do “ser”; vida e arte, fenômeno estético e existência se entrelaçam na anunciada “metafísica do artista”.

E o que a herança socrática e o platonismo, em seu complexo e desenvolvido sistema de pensamento, propôs filosoficamente para tal questão? Como Platão reconhece a arte trágica no contexto político grego e o que é proposto para tal arte? Já nas primeiras páginas da obra, Nietzsche nos dá uma pista sobre os aspectos que “condenaram” a poesia trágica, tipo de arte entendida como símbolo de vigor na cultura grega que tem seu declínio com o surgimento do racionalismo grego, no qual tece sua crítica ferrenha aos percussores deste pensamento. Considera a “moral socrática”, “a necessidade metafísica de verdade”, a “dialética” como símbolos que levaram a arte (tragédia) grega ao declínio. Sendo assim, através do diálogo estabelecido entre as duas obras, a investigação deste trabalho consiste em apresentar resumidamente a noção platônica de ideia e a metafísica nietzschiana abordando os conceitos que fazem parte de ambos pensamentos filosóficos. Caberá discutir os pontos que abordam os conceitos de “realidade”, “aparência”, “verdade” e a “mimesis” para que possamos entender de que modo a tragédia grega se encontra “condenada” dentro do platonismo (entendida como metafísica racional). Como proposta final, caberá entender de que modo a metafísica nietzschiana propõe um novo sentido a esses conceitos de forma a realizar uma crítica aos tratados platônicos.

CAPÍTULO 1

Platonismo e seus aspectos condenadores da arte trágica.

“O que há de belo nisso? ” - Perguntava aquele topógrafo depois de uma representação da peça *Ifigênia* - “não se prova nada! ” Será assim tão certo que os gregos tenham estado tão longe de compartilhar essa opinião? Em Sófocles, pelo menos, “tudo se prova”¹

Se faz necessário colocar em evidência o platonismo buscando entender a base de uma filosofia que propôs, de um certo modo, um “aniquilamento” do homem, uma valorização do “nada” como aponta Nietzsche em diversas passagens de suas obras. Tais críticas direcionadas à filosofia platônica e socrática denunciam, de certo modo, um tipo de pensamento que simbolizará a busca incessante pela “verdade”, a valorização da razão em detrimento aos sentidos, aspectos pelo qual Nietzsche considera como formas de “negar” a vida e que não dizem mais sobre condições reais do homem; elevam e idealizam o homem para um além-mundo. Considerado como um dos grandes filósofos do mundo grego e percussor da filosofia estética, Platão nos apresenta em seu tratado *O Banquete*, um diálogo filosófico acerca do “belo” que se fundamenta em aspectos de seu pensamento maior: a teoria das ideias. Em sua obra *A República*, dará continuidade à sua investigação adentrando o terreno das artes e colocará em questão o conteúdo e a forma de um tipo de arte considerada um símbolo de sua época e de toda a história artística: a poesia trágica. A crítica realizada nesta segunda obra também se utilizará de conceitos oriundos de sua teoria estética e sua teoria das ideias, tratando diretamente dos pontos pertinentes a este trabalho, logo não caberá aqui uma investigação minuciosa sobre a questão do “belo”. Se faz necessário evidenciar como Platão entende a dicotomia “realidade x aparência” e a própria “verdade”, conceitos que aparecem em sua proposta filosófica ao campo das artes e soam como uma crítica contundente aos poetas e a arte trágica, especificamente no livro III e X de sua obra. Temos assim, como objetivo deste trabalho, uma apresentação resumida do que poderemos chamar de “platonismo” e, principalmente, seus tratados acerca da tragédia.

O racionalismo grego, marcado por Platão e Sócrates, incumbiu-se de sistematizar

¹ Nietzsche, F. *A Gaia Ciência*, Aforismo 81.

o campo estético de modo que a tragédia grega entrará em ruína como fora apresentado por Nietzsche em suas primeiras páginas de *O Nascimento da Tragédia*. Submeteu-se a arte trágica, símbolo de vigor e ápice cultural grego à uma censura por critérios metafísicos; por uma supervalorização da “verdade”, os caminhos pelos quais a tragédia conduz seu espectador não promovem um entendimento verdadeiro das coisas, é este o legado que Platão promove à arte trágica e seus respectivos artistas. Caberá investigar nos livros III e X da obra *A República* as passagens que demonstram essa condenação da arte trágica e os conceitos utilizados para tal crítica. O livro III nos apresenta as primeiras questões sobre o aspecto moralizador do campo artístico promovido por Platão, onde se discute a imitação no processo educacional grego e sua relação com o bem supremo. Porém, especificamente no livro X é onde Platão procura “analisar quais os efeitos psicológicos causados pela contemplação estética, mostrando como a poesia pode alterar a alma humana para algo nocivo ou desviar do caminho da moralidade” fundamentando o “estatuto metafísico e epistemológico da poesia”² como aponta Daniel Lopes. Caberá aqui entender como os conceitos de “verdade”, “realidade x aparência” e a “mímesis” são apresentados pelo platonismo na finalidade de criticar a arte trágica grega para entendermos o que Nietzsche conceberá como uma metafísica “moral” ou estética “racionalista”.

Antes de entrarmos em sua teoria estética, se faz necessário apresentar alguns aspectos do platonismo. É no capítulo “verdade no platonismo e no positivismo. A tentativa nietzschiana de uma inversão do platonismo a partir da experiência fundamental do niilismo”, da obra *Nietzsche* que Heidegger nos apontará um dos aspectos que ajudam esclarecer a metafísica platônica. Resumirá o sentido de *conhecimento* (como se conhecem as coisas) na teoria e o que se apresenta como “verdade”. Vai dizer que o que há para conhecer é o ente e que seu ser é determinado através das ideias.

Elas “são” aquilo que é apreendido quando observamos as coisas em vista do modo como elas mesmas aparecem; em vista disso, como o que elas se dão: em vista de sua quiddidade. O que torna uma mesa uma mesa, o ser mesa, pode ser visualizado; em verdade, não com os olhos sensíveis, mas com os olhos da alma; esse ver confunde-se com a apreensão disso que uma coisa é, de sua ideia.³

² Lopes, D. Platão: a república – livro X, § 10.

³ Heidegger, M. Nietzsche, Vol. I, § 137-138.

Heidegger considera que a ideia pode ser visualizada, assim conhecer seria *adequar-se representacionalmente ao suprassensível*⁴. Já é possível notar nesta passagem um breve aspecto que caracteriza a metafísica platônica importante para a investigação; a parte alma (razão) é a única a visualizar aquilo que se apresenta como conhecimento “verdadeiro” e há um conflito entre “verdade” e “aparência”. A busca pela compreensão do ser é o principal aspecto que marcará a metafísica platônica entendendo que a “verdade” é a definição do ser por critérios lógicos (racionais) sendo esta imutável e eterna ou uma “ideia”. A “verdade”, ou podemos também entender como a “essência”, encontra-se antagonizada ao campo da “aparência”, demonstrando que o campo da “aparência” não é capaz de visualizar a “verdade” nas coisas que são, o campo das opiniões formadas pelos sentidos. Este será o “espírito científico” que nasce com Sócrates e caracteriza também a metafísica platônica.

O que é a metafísica racional criadora do espírito científico? É justamente a “crença inabalável de que o pensamento, seguindo o fio da causalidade, pode atingir os abismos mais longínquos do ser e que ele não apenas é capaz de conhecer o ser, mas ainda de corrigi-lo.”⁵

No que tange ao campo estético, a metafísica platônica realizará uma avaliação da arte grega. Considerando tais aspectos, Roberto Machado ajuda a esclarecer como a arte é submetida à metafísica racional, compreendida como “estética racionalista”:

O que caracteriza a “estética racionalista”, a “estética consciente”, é introduzir na arte o pensamento e o conceito a tal ponto que a produção artística deriva da capacidade crítica. Momento em que a consciência, a razão, a lógica despontam como novos critérios de produção e avaliação da obra de arte.⁶

Neste ponto, é imprescindível notar por quais conceitos caracteriza-se a estética racionalista e como é dado a submissão do campo artístico à metafísica platônica (racional).

A preocupação de Platão com a formação da cidade ideal e a educação grega fará com que a poesia (principalmente a poesia trágica) seja investigada minuciosamente. Como já mencionado, Platão fará uma análise deste tipo de poesia no livro III e X tendo como

⁴ Heidegger acredita que podemos conhecer aquilo que se dá no suprassensível através do conceito de *representação*, logo, as ideias que formam o ser das coisas seriam representáveis teoricamente.

⁵ Machado, R. Nietzsche e a Verdade, § 37.

⁶ Machado, R. Nietzsche e a Verdade, § 34.

critério avaliador deste tipo de arte o conceito de “mímesis”, que terá diferentes sentidos dentro de sua filosofia.

Nota-se no livro II e III a preocupação com a poesia e seu aspecto desvirtuante quando, de primeiro momento, investiga-se o que seria a justiça e Homero é mencionado como aquele que fala sobre as recompensas de quem é justo. Desta forma, os poetas concebem o que é a justiça, a injustiça, a virtude e o vício e se confundem ao fazerem juízo dessas, como entendem que as ações injustas são mais vantajosas que as justas ou dizem que os deuses praticam atos semelhantes aos dos homens comuns. Para Platão, os deuses são bons por essência e assim devem ser representados, independente do estilo literário⁷. Como uma “crítica teológica-moral, o comportamento dos deuses é condenado e na poesia não há um discernimento entre o bem e o mal, falsidade e verdade, considerada como risco para o desenvolvimento intelectual e moral do jovens”⁸ O questão da “verdade” oposta a “aparência” já aparece como problema⁹ porém, o termo “mímesis” é empregado para definir um estilo literário onde o narrador assume a fala do personagem como se fosse o próprio, dizendo-o em 1ª pessoa¹⁰.

A parte de maior importância para a investigação está localizada no livro X, tendo início quando Sócrates diz a Glauco que há de se recusar o que é de “imitativo” na poesia. É nesta parte que Platão define o estatuto epistemológico da poesia, entendendo seu grau de afastamento três vezes do ser¹¹. Neste ponto, é possível notar o principal aspecto que tornará a arte trágica subordinada à uma “metafísica racional”:

Do ponto de vista metafísico, então, a poesia, por ser essencialmente mimética, se encontra no terceiro nível em relação ao verdadeiro ser (forma ou ideia). Se desenvolvermos o raciocínio de Platão, o poeta estaria representando então, por meio da imitação, uma ação particular de um homem ordinário que ele vê em sua própria experiência cotidiana, e não a ação verdadeiramente correta orientada pelo conhecimento da ideia do bem, da justiça e dos outros princípios da excelência. Seriam, portanto, estes os três níveis de ser: a ideia do bem, o homem excelente que age conforme essa ideia e o homem representado numa ação supostamente correta por meio da imitação, na medida em que o poeta está voltado não para a

⁷ 379a

⁸ Lopes, D. Platão: a república – livro X, § 9 - 10.

⁹ 364a, 364b, 365c

¹⁰ 393c

¹¹ Rep., X, 597e, 599a, 602c

ideia, mas para a conduta moral tal como ele percebe em homens ordinários.¹²

A definição do estatuto da poesia, entendida por estar afastada três graus do ser (a ideia da coisa, a coisa em particular e a coisa representada artisticamente)¹³ demonstra que o poeta fala neste terceiro grau. A crítica se dá pelo aspecto de cunho moral, como fica claro quando Daniel Lopes assinala de que forma ocorre a relação entre o poeta e os valores morais tidos como “verdadeiro”. Se a poesia tem por essência o caráter mimético, sua subordinação à uma metafísica racional é dada por este tipo de arte, em sua essência, não conseguir promover uma fala “verdadeira”. Deste modo, exige-se que o poeta conheça a ideia de bem ou seja orientado pela mesma quando expressa sua poesia promovendo assim, uma fala com conteúdo verdadeiro. “Por não ter conhecimento desses princípios, o poeta acaba por ‘imitar’ as ações e condutas dos homens ordinários não sabendo discernir quando imitam homens de excelência ou não”¹⁴ a modo de estarem afastador três vezes do ser.

Pode-se entender o grau de afastamento por outro critério. Ao analisar o aspecto técnico da poesia, Havelock demonstra como a poesia e seu caráter mimético incide a erros. Entende também que a poesia guia a irracionalidade, a ilusão e a confusão por não apresentar nenhum tipo de conhecimento exato como outros ofícios podem apresentar. “Diz que a poesia não apresenta recursos como objetivos e metas bem definidas que guiam o educador no seu treinamento do intelecto por não haver capacidade de cálculo e mensuração”¹⁵. Deste modo, o marceneiro estaria no segundo grau por visualizar a ideia de cama enquanto a produz, sua obra é uma cópia da ideia única de cama e ele pode utilizar de recursos como o cálculo e medida que seu próprio ofício tem por essência. Tais características ajudam a alma a não incorrer as ilusões e perturbações que a poesia incide, pois a imitação se relaciona com a parte inferior de nossa alma distante da sabedoria¹⁶. A teoria do afastamento do grau evidencia de que modo a poesia se encontra, não só em grau valorativo com os demais ofícios sendo totalmente desvalorizada, mas como ela se relaciona com a racionalidade promovida por Platão.

¹² Lopes, D. Platão: a república – livro X, § 13.

¹³ Lopes, D. Platão: a república – livro X, § 16.

¹⁴ Lopes, D. Platão: a república – livro X, § 13.

¹⁵ E, Havelock. Prefácio a Platão, § 42.

¹⁶ 603a – 603b

Ambas as análises realizadas sobre as passagens do livro X e a crítica socrática à poesia trágica estabelecem o estatuto conferido a esse tipo de arte. Tem em comum a denúncia de que a poesia diz respeito somente ao plano das “aparências”, tanto em seu aspecto técnico como em seu aspecto moral, não chegando a promover valores tidos como verdadeiros, não revelam ao poeta a relação que há entre a ideia de bem e as coisas em particular e se relacionam com os aspectos inferiores de nossa alma. Cabe ressaltar que o platonismo compreende que os valores considerados corretos estão intrinsecamente ligados à ideia de bem e a “verdade”, de modo que aquele que visualiza a “verdade”, consegue enxergar as demais coisas. Sob o antagonismo que marca a postura filosófica platônica entre realidade e a aparência, encontra-se aqui uma hierarquia entre essas duas dimensões enquanto a poesia não consegue promover, pelos diferentes aspectos aqui apresentados, formas de se conhecer ou tipos de conhecimento considerados “verdadeiros”. É pelo seu aspecto essencialmente mimético que a poesia trágica se coloca contra a verdade. É importante ressaltar tal questão, pois Nietzsche tecerá sua crítica à tal metafísica utilizando tais termos, buscando um outro sentido à essa relação.

Sendo assim, realiza-se a tentativa de construir uma reflexão sobre a filosofia platônica procurando, resumidamente, entender os aspectos que buscam não só desvalorizar a poesia trágica nas passagens que tangem a obra *A República*, mas sob quais critérios para entendermos o que é essa estética racionalista e adentramos a crítica nietzschiana à metafísica racionalista.

CAPÍTULO 2

A metafísica do artista como o “resgate” da arte trágica e sua crítica a metafísica racional.

“O que significa o mito *trágico* precisamente entre os gregos da melhor, da mais forte, da mais valorosa época? E o prodigioso fenômeno do espírito dionisíaco? O que significa a tragédia, nascida dele? - E, de outra parte: aquilo de que a tragédia morreu, o socratismo da moral, a dialética, a suficiência e a serenojovialidade do homem teórico – como? Não poderia ser precisamente esse socratismo um signo de declínio, do cansaço, da doença, de instintos que se dissolvem anárquicos?”¹⁷

Os questionamentos trazidos pelo filósofo do martelo no início de sua obra *O Nascimento da Tragédia* já apontam que tipo de filosofia será criticada por sua teoria estética da juventude. Nietzsche é levado a desenvolver uma reflexão filosófica sobre a arte trágica grega, considerando o modo como os gregos antigos relacionam-se com este tipo de arte, entendido aqui como símbolo de vigor e “fortitude”. Do mesmo modo, busca denunciar os responsáveis pela morte deste tipo de arte, trazendo à tona o conflito entre a metafísica racionalista e a sua nova proposta filosófica: a “metafísica do artista”. Nietzsche revela que “o problema da ciência não pode ser reconhecido no terreno da ciência”¹⁸ evidenciando que apenas um olhar externo, fora do campo e dos conceitos cunhados por essa metafísica entendida como racionalista, um olhar de “artista” poderá denunciar os limites da ciência e seu problema ao tratar deste campo filosófico. Esse “cientificismo” denunciado e evitado por Nietzsche mostra a relação entre o campo estético e sua submissão ao racionalismo socrático e platônico; “introduziu-se na arte o pensamento e o conceito a ponto que a produção artística deriva da capacidade crítica, a lógica e a razão são tidos como os principais critérios para se avaliar a obra de arte”¹⁹. Em *O crepúsculo dos Ídolos*, Platão é reconhecido como “sintomas de decadência, instrumentos da decomposição grega, pseudogregos, antigregos” justamente por considerar como a máxima de sua filosofia metafísica, a “fórmula Razão = Virtude = Felicidade e necessidade de prudência com os instintos”²⁰. Sendo assim, Nietzsche enxerga que esse tipo de ciência não é capaz de realizar uma crítica válida ao campo das artes pois carrega consigo heranças

¹⁷ Nietzsche, F. NT, § 14.

¹⁸ Nietzsche, F. NT, § 21.

¹⁹ Machado, R. Nietzsche e a verdade. § 34.

²⁰ Nietzsche, F. Crepúsculo dos Ídolos, § 28 – 29.

conceituais desta metafísica platônica. A busca pela compreensão do ser, a determinação da “verdade”, são os princípios fundamentais que norteiam tal metafísica e servem de critérios para analisar a arte grega. A relação entre a estética e a metafísica é hierarquizada no platonismo onde a metafísica racionalista será a filosofia primeira e sujeitará o campo estético à uma estética racionalista.

Os pontos a serem investigados na proposta metafísica nietzschiana é de se compreender o que Nietzsche entende por “verdade” e de que modo os conceitos “realidade” e “aparência” aparecem em sua filosofia, diferentemente do modo como esses se mostram na metafísica platônica. Sua filosofia não abandona as dicotomias trazidas pela história da filosofia, são reinterpretadas a modo de se valorizar o campo das “aparências”, significando na metafísica platônica um campo de “erros”. Nietzsche concebe que a metafísica racionalista nasce por um “positivismo” perante a ciência e pela busca da mesma. A busca idealizada pela “verdade” e a crença de que o conhecimento, por vias racionais, seja capaz de penetrar à essa “verdade” eterna, imutável, etc... uma *vontade de verdade* é entendido como fenômeno e não necessariamente a coisa em si. Para Nietzsche, se podemos falar de algo na qual conceberíamos como “verdade”, remetendo-se à essência das coisas, estaríamos tratando da “vontade” pois é aquilo que se manifesta em todo ser, enquanto essa busca pela “verdade” travada pelo platonismo seria um fenômeno, uma manifestação dessa “vontade”: “Todo ser é um devir. Todavia, esse devir tem o caráter da ação e da atividade do querer. Em sua essência, porém, a vontade é vontade de poder”²¹. Roberto Machado também diz “A *vontade*, termo que é utilizado por Nietzsche no sentido que tem em Schopenhauer de núcleo do mundo, essência das coisas, mundo visto de dentro, ou *força que eternamente quer, deseja e aspira*.”²² A lenda de Sileno ilustra alegoricamente o problema trazido por Nietzsche. A resposta de Sileno ao Rei Midas ilustra que a única verdade na qual possamos reconhecer as coisas, seria o devir. Como todas as coisas tem em sua essência o devir, somos levados a um sentimento pessimista para com o mundo e a

²¹ Heidegger, M. Nietzsche Vol I. § 9.

²² Machado, R. Nietzsche e a verdade. § 23.

²³ Nietzsche, F. N.T. § 60.

nossa existência, que também é mutável. De onde então se explica a célebre sentença: “O que deves preferir a tudo, é para ti impossível: é não ter nascido, não ser, ser nada. Mas, depois disso, o que mais podes desejar – é morrer logo.”²³

Se no platonismo existe uma busca para se compreender o “ser”, que é entendido como “verdade”, essa verdade deve ser inteligível e acessível somente por critérios racionais, apresenta-se imutável, eterna, e necessariamente está relacionada à ideia de bem ou como é definido:

“...à fé na possibilidade de aprofundar a natureza das coisas, ao saber e ao conhecimento a força de um remédio universal e concebe o erro como o mal em si. Penetrar as causas e distinguir da aparência e do erro o verdadeiro conhecimento”²⁴.

Nietzsche diz que na metafísica do artista a realidade de todas as coisas já está dada como “vontade”, não existe uma “verdade” a ser buscada. Ao contrário, essa “verdade” deve ser encoberta a todo momento por ser trágica, desmesurada, dolorosa e ela própria tem necessidade da aparência para se realizar. Podemos interpretar essa “vontade” para elucidar melhor a questão através do comentário de Rosa Maria Dias ao definir o termo da seguinte forma: “A única ‘realidade’ é a vontade de potência. Ela não é uma essência, um ‘em si’, mas uma instância de onde se origina todo o devir, tudo o que está para acontecer, tudo o que é.”²⁵ Esse será o conceito primordial que caracterizará sua “metafísica de artista” e tomará a base de toda sua teoria filosófica em *O Nascimento da Tragédia*. Deste modo, a saída encontrada por Nietzsche é de se realizar uma inversão metafísica pelas seguintes questões; reconhece que o platonismo é uma “filosofia moral” por hierarquizar as dimensões da “realidade” e “aparência”, rebaixando o campo das “aparências” ao interpretar que esse consiste ao “erro”, enquanto a realidade (o campo das ideias) é o campo da “verdade” e esse terá mais valor que a “aparência”. Também reconhece que essa busca idealizada referente às questões do ser são meras interpretações, uma metafísica que está convencida na capacidade de separar aquilo que é real daquilo que é aparente e por isso, carrega consigo uma interpretação daquilo que é o bem e o mal ou digno de

²³ Nietzsche, F. N.T. § 60

²⁴ Nietzsche, F. N.T. § 158

²⁵ Dias, R. Nietzsche, Vida como obra de arte. § 58

validade/descrédito. Deste modo, a filosofia nietzschiana não só interpreta o platonismo como mero “fenômeno”, considerando que tais objetivos almejados pela metafísica racional configuram uma “vontade ou necessidade de verdade” já que tem origem nessa “vontade” primordial, como também rebaixa o platonismo no intuito de dar lugar à sua proposta filosófica:

...uma filosofia que se atreve em classificar a própria moral no mundo dos fenômenos, que ousa rebaixá-la e isso não somente entre as “aparências”, mas também entre as “ilusões”, como simulacro, ilusão, erro, interpretação, enfeite, arte.²⁶

Podemos compreender que o objetivo de Nietzsche ao propor essa inversão metafísica é de dar lugar em sua filosofia ao campo da “aparência” pois, a condenação da arte trágica realizada por Platão é dada por essa noção: se o platonismo condena a arte trágica quando define o estatuto da poesia e a subjugação ao campo da “aparência”, Nietzsche creditará valor a este campo na finalidade de romper com a relação posta pelo platonismo entre os campos “realidade” e “aparência” encontrando meios para fazer sua apologia à arte trágica. O campo da aparência será interpretado em sua filosofia, como já mencionado, necessário para que a “verdade” do mundo seja mascarada, uma “apologia da aparência como necessária não apenas à manutenção, mas à intensificação da vida”.²⁷ Por a arte estar ligada ao campo das “aparências”, é através da valorização deste campo, colocando-a acima da “verdade” que Nietzsche encontrará uma saída para a reinterpretação dos conceitos “realidade” e “aparência”, associando a arte apolínea e a arte dionisíaca aos conceitos anteriores. Recorrendo à história cultural grega, a proposta metafísica nietzschiana será de demonstrar como a arte trágica possibilitou a unificação desses dois campos, dando mais importância a arte do que a verdade devido essa possibilitar um diálogo nessa relação antagônica.

Nietzsche promove uma reflexão sobre Apolo e Dioniso fazendo uma leitura sobre a importância e a representação desses deuses na cultura grega, deuses que expressam dentro de sua proposta estética/metafísica os campos mencionados anteriormente. Retomando o conceito de “vontade”, dois pontos importantes devem ser destacados antes

²⁶ Nietzsche, F. N.T. § 28

²⁷ Machado, R. Nietzsche e a Verdade. § 24

de adentramos a discussão que tange a Apolo e Dioniso. O primeiro ponto diz sobre como essas duas divindades simbolizam as dimensões “realidade” e “aparência” na cultura artística grega, sendo manifestas na produção artística apolínea (poesia épica) e na arte trágica. O segundo ponto diz sobre o conceito de “imitação”; a forma de como artista trágico se relaciona com tais dimensões oriundas do “uno primordial”. Tal conceito é de extrema importância para fazermos um paralelo ao que aparece nos tratados platônicos.

Rosa Maria Dias nos apresenta o conceito nietzschiano de “uno primordial”, análogo ao conceito de “vontade” para explicitar o movimento realizado da seguinte forma:

Por viver em constante contradição e em incessante dor, ele não permanece indeterminado. Deste modo, por um impulso interno esse ser se multiplica em seres finitos, se fixa em imagens e produz o mundo das formas individuais. O mundo fenomênico faz um segundo movimento para se libertar das dores que herdara do primeiro, um movimento estético que constitui a *aparência* da *aparência* ou a bela aparência do sonho²⁸.

Entende-se que o “uno primordial” é o que “verdadeiramente” existe. Realizando um primeiro movimento para se libertar das dores primordiais e dando origem à primeira “aparência”, Nietzsche afirma que é nessa dimensão que nossa realidade está inserida, compreendida como um “fenômeno” por ser a manifestação desse “uno primordial” e que possui o caráter de devir “um perpétuo vir-a-ser no tempo, espaço e causalidade”²⁹. O segundo movimento parte dessa realidade fenomênica, um movimento estético “aparente” que remete a bela aparência do sonho e a dimensão que o artista interpreta para realizar a sua obra. É através deste movimento que surgem também os dois instintos naturais que se transfiguram em instintos artísticos, Apolo ligado ao instinto que produz a “bela aparência do sonho” e Dionísio ligado ao instinto de “embriaguez”, que busca romper com o processo de produção das aparências.

Dando prosseguimento, Nietzsche traz dois grandes momentos artísticos tidos na cultura grega que manifestam os instintos fundamentais para o seu pensamento estético: a arte apolínea (a epopeia), com a sua resistência à arte dionisíaca, e a unificação dessas duas artes que resultará na arte trágica. Diz que os gregos helênicos se distanciavam de sua

²⁸ Dias, R. Nietzsche, vida como obra de arte. § 88

²⁹ Nietzsche, N.T § 66

realidade cruel e dolorosa expressando nos deuses olímpicos tudo aquilo que consideravam como beleza e alegria. “A poesia épica, tipo de arte da civilização apolínea, expressava a necessidade desta época em reagir a um saber pessimista do aniquilamento da vida”³⁰. Apolo é tido como o deus das belas formas, a divindade da luz, que se expressava nas artes plásticas e do *princípio de individuação*, definido da seguinte forma:

O mundo apolíneo da beleza é o mundo da individuação (do indivíduo, do Estado, do patriotismo), da consciência de si. A individualidade, a consciência, é uma aparência, uma representação do uno originário; através do *principium individuationis* se produz a transfiguração da realidade que caracteriza a arte: é isso que constitui o processo artístico originário³¹.

Nietzsche concebe que esse mundo representado por Apolo, analogamente relacionado à bela aparência do mundo dos *sonhos* é caracterizado por ser, necessariamente, um mundo *aparente*. É neste exercício de contemplação da realidade do sonho, um estado instintivo natural do homem, que a vida se torna possível como também fornece as ferramentas para a artes plásticas; um mundo *aparente* que protege o homem de sua condição natural de sofrimento e mantém a beleza da vida.

Dioniso expressa a *embriaguez* e está relacionado à música ditirâmbica, um tipo de estado que rompe com o *principium individuationis* e aniquila a consciência, o próprio eu, colocando-o de frente com o absurdo da existência, é o reconhecimento das palavras de Sileno:

uma total reconciliação do homem com a natureza e os outros homens, uma harmonia universal e um sentimento místico de unidade; em vez de autoconsciência significa uma desintegração do eu³²

Ao contrário do estado apolíneo, o estado dionisíaco expressa reconciliação do homem com a natureza, que significará na metafísica do artista, um modo que o homem tem de se deparar com a “verdade” das coisas, um abandono do “eu”, da consciência, a abolição do *véu de maia* para um abraço profundo deste homem com a natureza em seu todo. Um estado de êxtase comparado ao da *embriaguez* que leva o homem em primeiro momento “a se sentir em comunhão com a natureza pela negação da consciência, do eu, da

³⁰ Machado, R. Nietzsche e a Verdade. § 21

³¹ Machado, R. Nietzsche e a Verdade. § 23

³² Machado, R. Nietzsche e a Verdade. § 25

civilização, a história”³³. Na retomada da consciência, esse homem passa a enxergar o absurdo da existência por ver que a “natureza ou a verdade é desmensurada e que sua realidade não passa de uma ilusão pela tentativa de criar um mundo de beleza para se mascarar a verdade”³⁴. É neste sentido que Nietzsche entende o estado dionisíaco como um estado de acesso à “verdade”; verdade essa que sempre significará dor, desmesura, aniquilação da vida e que conduz o homem a um estado de impotência e estagnação por ver que sua realidade não passa de algo ilusório, fenômeno, uma tentativa de se combater os conflitos essenciais, as dores primordiais que são eternas e imutáveis.

Nietzsche remonta à história cultural grega para mostrar como esses dois instintos artísticos se antagonizam desde a “idade do bronze” até a tragédia ática, elucidando as reviravoltas artísticas através das manifestações artísticas de cada época, dando exemplos onde a beleza apolínea hora se mantém majestosa (como a fixação da arte dórica) e hora entra em colapso devido à força do instinto dionisíaco. A arte apolínea, tipo de arte que simboliza a “aparência”, é entendida como um tipo de arte que buscou resistir à arte dionisíaca, essa que não faz parte da cultura grega e significava aos gregos apolíneo algo bárbaro. Como exemplo, a arte dórica fora uma manifestação artística oriunda desse conflito representando uma forte barreira para a penetração do instinto dionisíaco na cultura grega, esse temido por confrontar diretamente o mundo “aparente” apolíneo, um tipo de arte que destrói as “belas formas” do mundo apolíneo por expressar a “verdade”:

A experiência dionisíaca tendo significado um acesso à verdade da natureza, uma verdade que mostra que a natureza é desmesurada ou que a verdade é desmesura, faz o homem compreender a ilusão em que vivia ao criar um mundo de beleza justamente para mascarar a verdade. A visão da essência eterna e imutável das coisas faz com que ele desista de agir...³⁵

Se por um momento esse tipo de arte apolínea serviu de barreira para que o dionisíaco não penetrasse a cultura grega, Nietzsche concebe que o nascimento da arte trágica fora extremamente necessário e inovador na cultura grega, onde foi possível realizar um movimento conciliador entre esses dois instintos. A tragédia grega nasce nesse contexto conciliando os dois instintos que se antagonizam por natureza, realizando uma

³³ Machado, R. Nietzsche e a Verdade. § 26

³⁴ Machado, R. Nietzsche e a Verdade. § 26

³⁵ Machado, R. Nietzsche e a Verdade. § 26

transfiguração no instinto dionisíaco para que esse seja absorvido dentro da dimensão artística. Nesse novo tipo de arte, o instinto apolíneo se encarrega de transformar o instinto dionisíaco em fenômeno estético, possibilitando a absorção deste elemento na produção artística, “eliminando da experiência dionisíaca sua força destruidora, de seu elemento irracional, através do mundo de ilusão apolíneo na qual a emoção se descarrega”³⁶. Sendo assim, a apologia que Nietzsche faz da arte trágica ganha sentido pelo fato de que essa nova produção artística é conciliadora de instintos antagônicos, sendo capaz de integrar um instinto que conduziria o homem ao estado natural, ou a “verdade” da natureza em um estado de “aparência”, em um fenômeno estético “através da lucidez promovida no estado artístico apolíneo que se introduz no dionisíaco para transformá-lo em arte”³⁷. Para Nietzsche, esse movimento realizado pela tragédia grega é o que possibilita uma nova “fuga” para essa civilização ao lidar com as questões mais dramáticas de seu tempo, uma nova produção artística capaz de encobrir a “realidade” trágica das coisas não permitindo que essa “verdade” venha à tona, “verdade” trazida pelo instinto dionisíaco, porém redefinida pelo elemento apolíneo que o transforma em arte e permite ao artista trágico acessá-lo sem que seus elementos o destruam.

Cabe apresentar como Nietzsche entende a relação entre o artista trágico e os dois instintos explicitados anteriormente para entendermos como o conceito de “imitação” é empregado em sua filosofia e, posteriormente, estabelecermos uma relação entre a “imitação” entendida por Platão. Neste sentido, Nietzsche considera que todo o artista é um “imitador” pelo fato de “jogar” com esses dois estados, alternadamente ou simultaneamente (no caso do artista trágico) para produzir sua obra. Enquanto na arte apolínea o artista joga com esse instinto de “beleza” e “ordem” que está relacionada ao sonho, na arte dionisíaca o jogo se realiza com o estado de “embriaguez”. Para que esse artista não seja dominado pelas forças do instinto dionisíaco que o coloca de frente com a “verdade” da natureza, o instinto apolíneo vem em resgate desse artista para salvá-lo através do *princípio de individuação*, possibilitando que essas emoções extasiadas que o arruinariam sejam transfiguradas e expressas no domínio da arte. Por isso, a arte trágica

³⁶ Machado, R. Nietzsche e a Verdade. § 28

³⁷ Machado, R. Nietzsche e a Verdade. § 26

possibilita ao artista acessar esses dois instintos simultaneamente, sem significar uma alternância ou uma negação entre esses dois estados, pois se faz necessário que o instinto apolíneo socorra o artista trágico para que esse não seja aniquilado pela experiência dionisíaca. Assim, ele joga com estado de embriaguez e com o estado do “sonho”, como aponta Roberto Machado:

O servidor de Dioniso deve estar em estado de embriaguez e ao mesmo tempo permanecer postado atrás de si como um observador. Não é na alternância entre lucidez e embriaguez que se encontra o estado dionisíaco, mas em sua simultaneidade.³⁸

A noção de “imitação” ganha sentido devido ao fato de esse artista realizar o mesmo “processo que a natureza realiza para criar ou reproduzir as ‘aparências’”³⁹: da mesma forma que a natureza, ou o “uno primordial” faz um movimento para se libertar das dores constituindo nossa realidade “aparente”, o artista trágico imita esse movimento jogando com o estado dionisíaco e da mesma forma cria esse mundo artístico “aparente” para também se libertar dessas dores.

Encerra-se assim a segunda parte deste presente trabalho tendo explicitado o caminho tomado por Nietzsche ao tratar da arte trágica e os pontos que devem ser considerados como pontos de diálogo entre o pensamento nietzschiano e o platônico. Deste modo, evidenciando a forma pela qual Nietzsche reinterpreta os conceitos oriundos da metafísica platônica buscando “resgatar” a arte trágica das críticas feitas pelo pensamento platônico, caberá na conclusão deste trabalho apresentar um possível diálogo entre essas duas linhas de pensamento considerando os termos comuns presentes em ambas as filosofias e, novamente, colocar em evidência suas propostas com o campo da arte.

³⁸ Machado, R. Nietzsche e a Verdade. § 29

³⁹ Dias, R. Nietzsche, vida como obra de arte. § 90

CONCLUSÃO

Como ficou esclarecido, perguntar que sentido tem a arte na existência humana nos faz esbarrar diretamente na questão da verdade: no caso de Nietzsche e de Platão, tal relação ficou clara. Ao adentrarmos nessa reflexão estética, somos induzidos diretamente a pensar sobre a validade da verdade como também a relação que ela trava com a arte, entendendo assim que a noção de “verdade” é de extrema importância dentro da filosofia estética. Seguindo a linha argumentativa de ambas as reflexões encontramos o mesmo problema: o antagonismo entre a “arte” e a “verdade”. Um certo aspecto do pensamento platônico demonstra que a “verdade” tem mais importância do que a arte, de modo que essa deve ser balizada a todo momento por ter a capacidade de desvirtuar aquele que busca por essa “verdade”, significando sempre uma busca para se “chegar as ideias”. Os argumentos trazidos no primeiro capítulo evidenciam tal ideia fomentada pelo platonismo ao discutir a relação entre a poesia trágica e os seus efeitos naquele que se relaciona com esse tipo de arte, de modo a sistematizar a dimensão artística para que essa assuma um compromisso com a “verdade”.

O caminho perpetrado pelo platonismo consiste em tomar como base sua “teoria das ideias” e aplicar as noções de “verdade” e “aparência” para julgar como se dá a relação entre a “arte” e a “verdade”, pressupondo o modo como o conhecimento é possibilitado: para não ser expulsa de sua cidade ideal, a poesia deve possibilitar um conhecimento “verdadeiro” sobre as coisas. Já no pensamento nietzschiano os conceitos de “verdade” e a “aparência” também são destinados, de um certo modo, à dimensão da arte e daquilo que se destina compreender dentro do pensamento platônico. Porém, essa “verdade” que se encontra como fim, positivada pelo platonismo, é reprimida dentro do pensamento nietzschiano através do conceito de “uno primordial” ou “vontade”, um conceito que diz que o “verdadeiramente existente” nos gera angústia, sofrimento, dor. Tentar se deparar com aquilo que é imutável, eterno, “essência” como busca o platonismo, é desvelar a condição trágica de nossa existência que nos arruína por nos fazer enxergar que tudo é devir e “vontade”, uma força que eternamente deseja, sendo apenas isso que se mantém como eterno. Sendo assim, pode-se entender que a inversão metafísica se dá pelo fato de Nietzsche creditar valor ao campo da “aparência” por justamente ser esse o único campo

capaz de encobrir tal “verdade”, como também ser o domínio na qual Platão relegou a arte. A “metafísica racional” consiste em realizar uma crítica à arte afirmando seu caráter desvirtuante para com a “verdade” como se constatou nas passagens de Daniel Lopes e Eric Havelock ao elucidar as críticas feitas por Platão quando este define o estatuto epistemológico da poesia e diz que não se encontra em sua produção critérios racionalmente válidos. A saída de Nietzsche consiste então em inverter a relação ao dizer que esse “espírito científico”, essa “necessidade de verdade” é também um “fenômeno”, que está na mesma dimensão de “aparência”. O empenho de Nietzsche em remontar à história cultural grega tem por objetivo criticar a metafísica racional que manteve a postura em conceituar “verdade” e “aparência” como noções antagônicas e de postular que a “verdade” seja um valor superior. Afirma que esse antagonismo é superado nos próprios domínios da arte, isto é, no campo da “aparência” sendo que “a experiência trágica possibilitou a superação dessa oposição verdade-aparência ao negar que a verdade seja um valor superior afirmando o caráter fundamental da aparência”⁴⁰. Sob qual modo? Através do conceito do Dionisíaco e Apolíneo.

O argumento principal de Nietzsche consiste em considerar que o conflito entre o instinto dionisíaco e o instinto apolíneo esteve presente em toda produção artística grega. Enquanto o instinto de dionisíaco significou um modo de acesso à “verdade”, o instinto apolíneo procurou combater esse estado de “verdade” pela “beleza” e “ordem” que se figura na imagem de Apolo. Se houve momentos em que o instinto apolíneo se sobrepôs ao dionisíaco, como fora exemplificado pela arte dórica, a tragédia grega é exaltada no pensamento nietzschiano por ser quem rompe com esse conflito. A tragédia grega significa então um movimento artístico que é capaz de jogar com esses dois instintos sem que um negue o outro. O artista trágico então deve jogar simultaneamente com ambos os estados como fora elucidado no segundo capítulo, refletindo assim a capacidade que a arte tem de proporcionar uma experiência dionisíaca do mundo: um acesso à dimensão de “verdade” sem que esse artista se perca no êxtase dionisíaco sendo resgatado pelo “véu de Apolo”.

As duas linhas de pensamento buscam definir, através do termo “mimesis”, a relação que a poesia tem com a “verdade”. O platonismo estabelece o estatuto

⁴⁰ Machado, R. Nietzsche e a Verdade. § 37

epistemológico da poesia através do conceito de “mímesis”, dizendo que o poeta trágico está distante da “verdade” em três graus por “imitar” aquilo que se dá no mundo “aparente” e nada corresponde com o “plano das ideias” – logo, por esse conceito se define o caráter negativo da poesia. No pensamento nietzschiano essa “imitação” é compreendida como o movimento que o artista trágico realiza copiando o movimento que o “uno originário” faz para se libertar de suas contradições. O artista trágico produz um segundo nível de “aparência” para se libertar também de suas dores primordiais ou para velar a “verdade”.

Se podemos verificar até então a proposta de ambas as linhas de pensamento para com o campo da arte de modo que o pensamento nietzschiano consegue dar um novo sentido aos termos e às relações postuladas pelo platonismo na finalidade de “resgatar” a arte trágica dessa postura “racionalista”, esse “resgate” não significa dizer que a dimensão da arte não é passível de crítica, mas a postura adotada pelo racionalismo ao empregar métodos e conceitos para realizar sua crítica da tragédia grega fizeram com que esse tipo de arte, considerada por Nietzsche como símbolo de vigor e ápice da cultura grega, entrasse em colapso. Deste modo, podemos concluir: se a verdade tem mais valor do que a arte, seu poder de criação e sua capacidade de trazer novos sentidos ao homem se encontra limitado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, R. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

HAVELOCK, E. *Prefácio a Platão*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

HEIDDEGER, M. *Nietzsche Vol I*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

LOPES, D. *Platão: a república – Livro X*. Campinas, SP: [s.n], 2002.

MACHADO, R. *Nietzsche e a Verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia*. São Paulo: Escala, 2013.

NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Escala, 2008.

PLATÃO. *A República de Platão*. São Paulo: Perspectiva, 2014.